

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v12.n26.08>

A escrita de Machado de Assis: alguns aspectos

Machado de Assis's writing: some aspects

Valdemar Valente Junior*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo a apresentação de uma ordem de análise que contemple a narrativa de Machado de Assis como objeto de estudo dos mais significativos da criação literária brasileira. Do conjunto de sua obra, na qual também se incluem as atividades de poeta, crítico e dramaturgo, destacamos, para efeito deste texto, sua atuação como romancista e contista, sendo este viés de sua escrita o suficiente para colocá-lo no pódio entre os nomes mais representativos de nossa literatura. Desse modo, sua imaginação privilegiada e sua percepção aguda acerca dos problemas de nossa sociedade fazem dele um escritor cuja obra se apresenta como um ponto relevante de reflexão crítica.

Palavras-chave

Machado de Assis. Artigo científico, Narrativa brasileira. Hermetismo. Crise social.

Abstract

This article aims to present a order of analysis that contemplates Machado de Assis' narrative as an object of study of the most significant of Brazilian literary creation. From the set of his work, which also includes the activities of poet, critic and playwright, we highlight, for the purpose o this text, his performance as a novelist and short story writer, this bias in his writing being enough to put him on the podium among the most representative names in our literature. In this way, his privileged imagination and his acute perception about the problems of our society make him a writer whose work presents himself as a relevant point of critical reflection.

Keywords

Machado de Assis. Scientific article. Brazilian narrative. Hermeticism. Social crisis.

* Universidade Estácio de Sá.

Entre o Romantismo e o Realismo

A presença de Machado de Assis, no contexto ainda incipiente da literatura brasileira do século XIX, pode representar um ponto fora da curva, uma vez que sua imensa superioridade se mostra como fenômeno literário inigualável em um país sem editoras, cuja maioria das obras eram impressas por editores de Portugal, da França e da Alemanha. Assim, a presença do mulato pobre, nascido no Morro do Livramento, filho de uma lavadeira e de um pintor de paredes, confirma-se em seus primeiros passos a expressão de uma escrita literária que pontificaria entre as mais legítimas entre as que marcam definitivamente sua presença, inscrevendo seu nome em alto relevo. O processo de incorporação de sua obra à literatura brasileira tende a situá-la em dois momentos distintos, como se houvesse uma divisão que distinguisse entre antes e depois da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881). A isso corresponde uma espécie de voz corrente que, para efeito da divisão do fenômeno literário em diferentes estilos de época, insiste em fixar essa obra ao lado de *O mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, como instâncias que dão início ao período conhecido como Realismo/Naturalismo. Isso decorre da divisão de um espaço cronológico situado em compartimentos estanques que não corresponde à proposição do que se verifica no conjunto da obra de Machado de Assis:

Ele pressupõe a existência dos predecessores, e esta é uma das razões da sua grandeza: numa literatura em que, a cada geração, os melhores recomeçam da capa e só os medíocres continuam o passado, ele aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o legado positivo das experiências anteriores. Este é o segredo da sua independência em relação aos contemporâneos europeus, do seu alheamento às modas literárias de Portugal e França. Esta, a razão de não terem muitos críticos sabido onde classificá-lo. (CANDIDO, 1997, p. 104)

Para que supostamente o Realismo seja uma etapa *a posteriori* na obra de Machado de Assis, é preciso que se concebiam seus quatro primeiros romances como filiados à escola romântica, o que parece não acontecer. *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878) não se apresentam a essa estética como algo que nela se inscreva de modo visceral no organismo de um movimento tão amplo a que parecem passar ao largo de suas discussões mais abrangentes. Por conta disso, assuntos mais amplamente polêmicos como a possibilidade de um incesto, em *Helena*, contraria a definição do Romantismo como estilo pautado na idealização dos rumos que a sociedade espera do homem e do mundo. A narrativa machadiana, nesses primeiros instantes, quando se tem a necessidade de uma

definição que indique seu efetivo lugar, contraria essa mesma instância para preannunciar o desvio de uma rota que não tem motivo algum para poder enquadrar-se em um determinado estilo. Do mesmo modo, isso parece pouco importar diante de uma classificação que foge à regra do que soa como uma imposição das escolas literárias que passam a se configurar na história do país, levando adiante projetos definidos que muitas vezes se mostram de modo extremamente equivocados:

Sua carreira literária tem duas fases bem nítidas, a primeira, em que é ainda romântico, embora anunciando, aqui e ali, a posse daquelas virtudes que se engrandecerão na segunda. Depois, e com intervalo curto, evolui para uma posição realista inequívoca, embora não ligada à forma de expressão que o realismo assumiu com a escola naturalista, que teve o senso de desprezar. (SODRÉ, 2002, p. 557)

Assim, a proposição do que nesses quatro primeiros romances se efetiva não tem como contrariar um sentido que parece agravar-se no âmbito de uma análise que se amplia, mas permanece fiel ao pensamento e à observação de seu autor. Há que se pensar a respeito de um perfil do Realismo que na obra de Machado de Assis jamais seguiria o caminho facilitário que induz à potencialização dos instintos humanos como patologias que encontram nas ciências biológicas uma referência e se estendem às formas do drama social. Em Machado de Assis, o drama social é único e independente dos demais fatores, não havendo como sua narrativa optar pela simplificação de acusar quem quer que seja, o que parece não caber no discurso literário. Do mesmo modo, o que lhe serve como via do comentário que remete à injustiça e ao preconceito decorre de uma abordagem que não se inflama de modo a lançar mão de um discurso panfletário. A fleuma por meio da qual o escritor denuncia a miséria e a nulidade de algumas de suas personagens de modo algum pode ser vista como um abrandamento da gravidade do que expõe como mazela social. Desse modo, conduz o leitor sem que sua capacidade de persuasão deixe de seguir a linha de raciocínio do texto, de que parece não abrir mão.

Assim, a trajetória de Machado de Assis corresponde a um grau de amadurecimento de uma tendência que o acompanha desde o início de sua carreira, não havendo alteração significativa em sua essência. Isso decorre do passar do tempo como um agravamento qualitativo que faz de romances como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* (1899) a elevação máxima de estilo e conteúdo do que pretende alcançar. Cabe, do mesmo modo, refletir acerca de seus quatro primeiros

romances como ensaios que preparam as condições aplicáveis à grande narrativa que passa a ter efeito em seguida. Isso, por sua vez, pode corresponder a uma linha demarcatória de momentos distintos, mas essa divisão diz respeito à evolução de um estilo que já se faz presente, não havendo a hipótese da passagem arbitrária do Romantismo para o Realismo. Da forma como essa questão se apresenta, há que ser revisto o conceito de Realismo como marca de um estilo atrelado ao primado da ciência, o que em Machado de Assis deve ser relativizado ao extremo. Isso decorre de não lhe caber esse lugar e essa definição acerca de uma obra que, a exemplo do que se notabiliza, atua de modo a nela se verificar um termo diferenciado. O Realismo, portanto, serve tanto para atender aos setores da crítica quanto para acomodar em espaços de relativo conforto a obra dos que, por conta própria, não garantem sua permanência na história literária:

Mesmo em seus primeiros livros, quando ainda o cerceavam os cânones românticos e possivelmente o inibia a timidez, o receio de ser diferente dos outros, de enveredar por caminhos até então indevassáveis, já as suas figuras se distinguem pela independência em relação ao meio físico e ao moralismo convencional. Não obedeceu nem ao preconceito, então de rigor, de filiar à natureza tropical o feitio das criaturas, nem ao de fazer personagens exclusivamente boas ou más, tão caro ao romantismo. (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p. 58)

Em vista disso, a posição que Machado de Assis passa a ocupar como parte integrante de um universo precário, no que diz respeito à condição de uma literatura que se desenvolve em um espaço sem maiores possibilidades de expansão, não o impede de estabelecer uma polêmica, por meio de artigos no Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, acerca do que sintetiza o tema envolvendo a configuração realista em *O primo Basílio* (1878). Assim, percebe-se na crítica machadiana a intenção de ratificar o que no romance de Eça de Queirós significam opções acerca do Realismo que tangenciam o exagero como observação acerca dos desvios da burguesia. Com isso, pretende lançar luzes à incidência de manifestações de natureza patológica que se aproximam do Naturalismo como expressão das camadas baixas da população. Por esse meio, Machado de Assis não transige ao que quer configurar em sua natureza de escritor, cuja obra é marcada pelo sentido de contenção que sugere um domínio absoluto sobre situações que só a ele cabe exercer. Esse domínio sobre a matéria prima de que se serve em sua obra suscita sua condição de escritor que se impõe como presença única em seu tempo. Diante disso, as posições estanques que

correspondem a estilos de época situam-se aquém do que prevalece na obra de quem se destaca pela singularidade de sua escrita.

Por essa via, há que se relativizar o lugar de uma possível divisão em favor do que não tem como ser igualado, para efeito de um estudo sistêmico, diante do que Machado de Assis representa em sua época. Há que se notar, do mesmo modo, que sua trajetória, durante o Segundo Reinado e a Primeira República, compreende a transição decorrente de eventos como a Guerra do como registros que perpassam seus romances, a exemplo de *Iaiá Garcia e Esaú e Jacó* (1904), bem como de contos como “O caso da vara” e “Pai contra mãe”. O exemplo específico desses contos denuncia o opróbrio e a violência contra os cativos, mas não corresponde ao sentimento panfletário de alguns de seus colegas de geração, diante dessa ou daquela posição política e ideológica. Nesse sentido, a exemplo do que possa representar sua narrativa, sua linha de pensamento apresenta-se revestida de forte sentido de isenção, o que por outro lado não significa uma postura que exclua sua indignação diante do sistema que vigora no país. A situação decorrente de seu lugar na sociedade do mesmo modo faz com que o escritor de enorme talento se equilibre em uma corda-bamba, em vista das restrições a quem consegue contornar os empecilhos que estorvam seu caminho com enorme habilidade:

A despeito da inegável significação de suas obras de índole romântica (do que se convencionou chamar “primeira fase” de sua produção), Machado de Assis só atingiu a dignidade de figura central das nossas letras após ter superado o romantismo – superação que se perfez em torno de 1878-80. (MERQUIOR, 1996, p. 220)

A inserção de Machado de Assis como personalidade representativa da literatura, quando a essa atividade correspondem os predicados ligados à origem dos escritores, escolhidos entre os que referendam suas posições de classe, diz respeito ao talento que o faz gozar de um prestígio incompatível com o lugar de onde veio. Desse modo, a diferença, que a partir dessa questão se estabelece, amplia-se em direção a uma obra que não tem como se aproximar das demais em face da opção singular que sua escrita assume para muito além de uma perspectiva presente. Em vista disso, o que se conceitua como primeira fase machadiana difere da fase seguinte apenas no que se refere à configuração de elementos que a conceituam como estágio de confirmação de um pensamento referente à desilusão com o ser humano e com o mundo. Essa opção o faz capaz de conceber personagens que se manifestam por meio do cinismo de Brás Cubas e da tirania de Bentinho. A concepção de um mundo

sem compaixão, de onde não parece haver escapatória para os que nele habitam, talvez seja o elemento crucial da obra a que se associa o *humour* britânico que absorve de Shakespeare e Laurence Sterne. Por esse meio, adapta elementos contidos nas obras desses dois autores a espaços que remetem ao racismo, à escravidão e ao atraso social como regras que insistem em permanecer.

A escrita como um divisor de águas

A consolidação da narrativa de Machado de Assis se mostra uma referência definitiva tem origem na dimensão crítica que sua obra assume a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e o coroamento de uma ordem de pensamento que terá sequência em *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* e *Esaú e Jacó* (1904). Nesse sentido, parece haver algo que efetivamente coloca em questão uma outra proposição, relativa ao agravamento da questão política. Isso aparentemente passa ao largo da abordagem machadiana, mas induz a um outro nível de observação ao olhar de quem se espelha nos acontecimentos da Corte como microcosmo dos eventos no âmbito geral. Desse modo, a diferença fundamental que pode servir para separar em partes opostas a obra de Machado de Assis consiste no fato de que sua análise passa a ser mais aguda, observando com maior profundidade o drama individual como ponto de vista do que se amplia à ordem coletiva. Por esse meio, Brás Cubas e Bentinho denunciam o esgarçamento de uma ordem familiar que não mais possui condições de sustentar-se como modelo patriarcal a que as relações sociais condenam, questionando sua eficácia.

Do mesmo modo, essas relações enfraquecidas coincidem com o fim da escravidão e com a derrota do regime monárquico, incidindo na configuração de um sistema que altera as formas de relacionamento, o que resulta no desequilíbrio da relação entre o público e o privado. Por esse caminho, a observação de Machado de Assis repousa na relação familiar sujeita a diferentes conflitos, a exemplo do que se observa em *Quincas Borba* e *Esaú e Jacó*. Esses aspetos podem ser vistos como pontos altos da manipulação que se converte em moeda corrente, a partir de uma sociedade a que Machado de Assis julga ter chegado ao auge de uma crise sem retorno, o que se reflete no teor crítico de algumas de suas obras mais importantes. Assim, o que poderia representar uma decepção profunda em vista dos descaminhos da condição humana concorre como constatação do desvio do fulcro de uma alavanca que muda a direção da sociedade a partir de algo muito mais abrangente. Diante

disso, algumas de suas personagens mais problemáticas em seu relacionamento com o outro não apresentam apenas sinais de uma individualidade em crise, mas a expressão mais ampla do que não mais se sustenta, diante do conflito generalizado acerca do lugar do homem no mundo:

A trilogia dos grandes romances machadianos encerra-se em 1899 com *Dom Casmurro*, no qual parte da crítica quis ver não só a obra-prima de escritor, mas o ponto mais alto atingido pela literatura de todos os tempos. (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 279)

Roberto Schwarz, em *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (1990), chama a atenção para o fato de que um escritor da grandeza de Machado de Assis ocupa um espaço inadequado que não corresponde ao talento que possui e ao mérito que lhe é devido. Assim, o fundador da Academia Brasileira de Letras, mesmo tendo conseguido agregar um grupo de força em torno de seu nome como chancela local, atende a uma demanda que não tem como expandir-se para além do meio a que se circunscreve. A condição restrita ao Rio de Janeiro como capital da Corte e, em seguida, da República, determina os rumos de uma narrativa que tem o mérito de potencializar esse microcosmo. Por sua vez, isso se amplia a uma outra dimensão, no que se refere ao universo do que pode ser entendido como termo inerente a qualquer indivíduo, em qualquer situação e lugar. Machado de Assis atende à solicitação de um tempo de transformações à revelia do que se possa configurar como retrato de um país arcaico, na medida em que decreta a falência de modelos que costumam a se integrar ao entendimento de quem não se apercebe da situação vigente. Por esse meio, ainda concorre com sua abordagem para que se coloque um ponto final nesses valores à deriva, enfatizando a derrocada do que o Romantismo ainda alimentava como sonho:

Assim, conduzido pelo estatuto inconvincente da norma Brasil, Machado desenvolvia uma análise extramoral dos relacionamentos humanos, e, sobretudo, do funcionamento da própria norma. Posição de vanguarda que o colocava na família dos escritores propriamente investigativos, para os quais a realidade certamente não tinha o sentido que apregoava, se é que tinha algum. (SCHWARZ, 1990, p. 140)

O tempo que afasta e aproxima as pessoas diz respeito ao que passa sem deixar rastros, uma vez que o que Machado de Assis evidencia em sua narrativa, quando assume uma posição pessimista, diz respeito ao cinismo e ao egoísmo que

fazem parte de seus romances como termo indispensável. Por essa razão, os caminhos mais recônditos da alma humana serem devassados de modo a expor a miséria mais íntima de que cada um se constitui. Por esse meio, a passagem do tempo consolida um elenco de absurdos que, ao se tornarem naturais, concorrem como termo integrante de um sentido de realidade que se normaliza em seu significado. Diante disso, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires* (1908) denunciam uma carga de estoicismo que de certo modo serve para combater a possibilidade do texto como afirmação única de uma consciência mórbida acerca das questões para as quais não há remédio nem remissão. Do mesmo modo, o emplastro de Brás Cubas, a teoria de Quincas Borba ou o livro de Bentinho resultam em soluções compensatórias, em vista do que Machado de Assis tem consciência, na falta do que possa ser solucionado, havendo um abismo a separar o homem do outro lado de si mesmo:

A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas. (BOSI, 1974, p. 197)

A forma que se mostra viável à configuração de assertivas de que o leitor pode servir-se, por conta de seu entendimento acerca de algumas das personagens mais emblemáticas de Machado de Assis, tende a caracterizar uma galeria de personagens aprisionadas ao labirinto das obsessões que são a própria razão de ser do que sua obra compõe como espaço inerente ao precário e ao refratário. As diferentes nuances de comportamento de suas personagens mais características aproximam o leitor de um mundo de estranhezas que se normalizam a partir de seus próprios conflitos. Isso manifesta serem estas expectativas sintomas de configuração plena, quando em verdade se confirmam em situação oposta. O legado de Machado de Assis, como um de seus méritos mais significativos, consiste em trazer para o âmbito da narrativa a sucessão de estragos inerentes a seres estroinas e destrutivos que fazem de suas existências uma continuação da subjugação e do rebaixamento dos demais. Em vista disso, colaboram para que os demais se apresentem como apêndices da relação de egoísmo que alimentam. Assim, sua obra mostra-se como um palco onde algozes e vítimas contracenam, não havendo lugar para a piedade e a remissão:

Pessoalmente, o que mais me atrai nos seus livros é um outro tema: a transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual. Esse tema é um dos demônios familiares de sua obra, desde as formas atenuadas do simples egoísmo até os extremos do sadismo e da pilhagem monetária. (CANDIDO, 1970, p. 28)

A leitura de Machado de Assis, se for considerada a linha divisória que separa suas duas fases, tende a evidenciar, em ambas as etapas, a violação de códigos essenciais ao Romantismo, do mesmo modo que não chega a caracterizar o que se faça presente por meio do Realismo de teor cientificista que se aproxime e se confunda com o Naturalismo. Por isso, a linha que separa essas instâncias não permite que sua narrativa se deixe contaminar pelo Naturalismo como meio de facilitação do entendimento daquilo que em sua obra apresenta-se de modo aberto. Daí a traição de Capitu, por exemplo, constituir-se em matéria sem elementos a seu favor, na medida em que chega ao leitor a partir do ponto de vista de Bentinho, narrador em primeira pessoa que não oferece meios de fazer com que Capitu possa se defender, ao monopolizar o discurso e impor sua verdade. Diante disso, do mesmo modo que Brás Cubas dá início a seu relato a partir da morte, Machado de Assis convoca o leitor a participar do texto, o que lhe permite dar o final que lhe for desejado à narrativa como elemento crítico que se notabiliza ao longo do tempo, assumindo a forma de uma reescrita permanente.

O contista e sua originalidade

Os contos de Machado de Assis traduzem o que de mais genuíno existe nesse gênero na literatura brasileira. Conhecido como o mestre da frase, caracteriza a sequência de seus mais importantes contos pela concisão de pensamento e estilo, além de aprofundar teorias que na narrativa curta exigem elevada perícia e concisão. Desse modo, alguns de seus mais expressivos, a exemplo de “Missa do galo”, “Um homem celebre” e “A cartomante”, figuram entre os de maior destaque na criação brasileira, dando ênfase ao conflito das relações levadas ao limite. Diante disso, há que se pensar nessa produção como manancial de elevado teor criativo que concorre *pari passu* com excelência de alguns de seus romances mais significativos. Do mesmo modo, o conto machadiano inscreve-se como parte que se integra a um conjunto bem mais amplo de sua produção narrativa, agregando valor ao que já representa a força de alguns de seus melhores romances. Há que se refletir acerca de que a publicação desses contos em nada tem a ver com a divisão cronológica entre antes e depois de

Memórias póstumas de Brás Cubas, preservando, de um modo geral, um estilo e um conteúdo que não denunciam diferenças abissais, não havendo como se possa estabelecer distinções entre eles:

Sem fazer introspecção, que conturbaria o andamento da narrativa, Machado sonda a intimidade de uma situação-chave no *continuum* humano. Assim, alcança a razoável parcela de objetivismo preconizado no tempo, dirigindo-o para o mundo subjetivo. (MOISÉS, 2000, p. 284)

Os contos de Machado de Assis parecem funcionar isoladamente, ganhando vida e sentido próprios, para além das antologias de que fazem parte. Nesse aspecto, há uma unidade que sintetiza a ideia dessa produção. Isso representa a comprovação de serem eles instrumentos que funcionam de modo independente do que possam significar, por exemplo, *Histórias da meia noite* (1873), *Papéis avulsos* (1882) ou *Histórias sem data* (1884) como edições que se afirmam a partir de seus respectivos títulos. O significado dessa produção de contos supera em muitos casos o teor de imaginação e consciência crítica da maioria de seus pares, configurando-se como um painel significativo dos desenlaces que se afirmam em um tempo de transformações na sociedade brasileira. O recorte de tempo a que contemplam contribui como tema a que Machado de Assis aborda, mantendo o distanciamento necessário à separação do que representaram, respectivamente, política e literatura, não havendo nenhuma hipótese de uma invadir a outra. Os contos de Machado de Assis, portanto, colaboram na condição de termo singular à construção de um *corpus* que pode funcionar como parte integrante de seu pensamento crítico, não sendo jamais um apêndice de sua obra:

Uma parte fascinante desse processo é que este novo poder inclui uma notável dimensão histórica específica, local: com efeito, os enredos de alguns dos contos adquirem significados adicionais, por conta da presença de certos detalhes aparentemente supérfluos, mas que, vistos em conjunto, constroem uma espécie de história nacional bastante cética e original, e para a qual não há precedente. (GLEDSON, 2004, p. 31)

Em vista das questões inerentes ao tempo em que Machado de Assis escreve sua obra, seus contos são responsáveis pelo agravamento de temas que vão do lugar ocupado pela música na incipiente cultura popular à escravidão e suas marcas de violência. Nessas expressões, no entorno do que se mostra viável, em nenhum momento a escrita equilibrada e concisa descuida-se, em vista de qualquer

descompasso decorrente de uma opinião imprecisa ou fora de lugar. Assim, em “Um homem célebre”, bem como em “Pai contra mãe”, tanto o desejo do compositor popular em se tornar um autor de peças eruditas quanto o opróbrio da escrava que é aprisionada para que o caçador de recompensas atenda a seu problema colocam leitor em xeque. Isso concorre para a elucidação das várias instâncias de uma sociedade que se manifesta em sua condição de precariedade. Daí os meios de que dispõe não funcionarem como desculpa à fruição de sua escrita singular. Mais ainda, há que se refletir acerca de um lugar que, em virtude do que se apresenta como sinal de carência, concorre para que sejam arrancadas as energias necessárias à fabulação de um universo de natureza própria e sentido original.

De certo modo, os contos de Machado de Assis caracterizam situações que se mostram como um reforço ao pensamento crítico que entabula ao longo da produção os romances que se tornam célebres. A isso podem concorrer a destruição da família que em *Dom Casmurro* tem destaque, pontuando uma sequência narrativa na qual pontifica, por exemplo, o conto “A cartomante”. A incorporação de seu estilo pode ter a visão comprometida, mas em nenhum instante o olhar do escritor deixa de se aperceber de tudo quanto o circunda, ainda que não emita qualquer comentário parcial ou de cunho pessoal. Por conta disso, em certas ocasiões recorre a alegorias que denunciam situações sem que a isso se acrescente seu ponto de vista. É o exemplo de “Ideias de canário”, conto que alegoriza a liberdade que se expressa na voz de um canário que foge logo que seu comprador lhe abre a gaiola, ao acreditar no que dele ouvira, quando de sua aquisição, em uma loja de antiguidades. Diante disso, Machado de Assis reforça sua descrença nos homens, servindo-se de um canário que reafirma em suas palavras a nulidade completa dos valores afirmativos de uma sociedade que a qualquer momento pode mudar de opinião:

Costuma-se admitir na obra de Machado de Assis a distinção de duas fases. Esse esquema tem a vantagem de assinalar a brusca mutação do romancista, como resultado da crise espiritual dos 40 anos e da ocorrência de grave moléstia que o deslocou para Friburgo. Seria indiscutível, essa distinção, se não houvesse na fase anterior algumas excelentes produções no gênero do conto e outros modos menores. (COUTINHO, 1969, p. 137)

A isso pode corresponder a troca das placas do estabelecimento comercial que muda de nome em função da República passar a vigorar sobre o Império deposto, em *Esaú e Jacó*. Do mesmo modo, as meias verdades que se impõem como marcas do

cinismo das elites encontra no conto “O caso da vara” uma significação de peso. Ao invés de se colocar ao lado dos que defendem seus interesses em detrimento do interesse dos excluídos, em um país de escravos, Machado de Assis aborda situações que envolvem a humilhação e a violência contra os subalternos com uma dose elevada de crítica. Isso o faz capaz de introduzir os assuntos abordados no seio de uma sociedade que não representa senão as personagens que lhe servem como tema. Assim, as investidas contra o que representa a disparidade inerente ao liberalismo político, aliado à escravidão, se mostram no plano de uma narrativa que não abre mão de seu rigor formal. Desse modo, Machado de Assis apela para uma linha de condução que faz de seu texto o porta-voz de verdades essenciais sem que estas correspondam a fala irritada de quem escreve sem se deixar influenciar pelas disjunções políticas de seu tempo.

A marca de originalidade presente nos contos de Machado de Assis compreende um lugar específico onde o escritor parece postar-se, na condição de observador privilegiado. Isso o faz captar a gama dos conflitos da ordem social que se estendem à individualidade humana. Essa situação poderia ocorrer de modo contrário, cabendo a Machado de Assis reverter esse processo da condição humana para a ordem social. Ocorre que os desvios de comportamento de Brás Cubas e Bentinho incidem no fato dessas duas personagens da classe dominante exercerem forte pressão sobre os que em maior ou menor grau situam-se sob seus respectivos controles, sejam escravos ou mulheres. Daí a reafirmação do primeiro termo configurar a opressão e injustiça que caracterizam uma sociedade desigual. Os contos de Machado de Assis, em vista de sua observação mimética como expressão da sociedade brasileira do final do século XIX, apontam ainda para a expansão técnica e científica, tem lugar no século XX. Desse modo, há que se refletir acerca de uma escrita que caminha com seus próprios pés, independentemente do que representam os romances de seu autor.

Referências

BOSI, Alfredo *História concisa da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6. ed. V. 2. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2. ed. V. 3. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1969.

GLEDSON, John. Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo. In: *Contos: uma antologia*. V. 2. São Paulo; Companhia das Letras, 2004. p. 15-55.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da Literatura Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SODRÉ, Néson Werneck. *História da Literatura Brasileira: seus fundamentos econômicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

Recebido em: 12/06/2020
Aprovado em: 28/07/2020